

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O FAZER DAS FESTAS: IMIGRAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES COMO LEGADO DE MULHERES AÇORIANAS DE SÃO PAULO.

Elis Regina Barbosa Angelo
UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
elis@familiaangelo.com

Introdução

A investigação versa sobre a organização das festas e celebrações sociorreligiosas dos imigrantes açorianos em São Paulo, especialmente a partir da construção da Casa dos Açores e de sua missão, que congrega esforços pela união dos açorianos e seus descendentes que mantêm por meio das celebrações e festividades o elo com a terra natal imigrante.

A Casa além de propor um espaço de sociabilidade e entretenimento, vai ao longo dos anos ganhando tonalidade no que se refere à manutenção das tradições açorianas e ressignificando os espaços e rituais que promovem o elo com o passado e as identidades.

A composição da festa, seus momentos, a simbologia e os rituais envolvidos na manutenção e ressignificação ao longo das gerações em São Paulo, na Vila Carrão, acaba fortalecendo a união entre os membros e criando cada vez mais laços simbólicos de amizade e cooperação, pois, esse elo acaba sendo firmado com as festas e o próprio ritual anualmente.

Nas atividades proporcionadas na Casa buscam-se as diversidades, os aspectos locais, as percepções e significados e os signos e símbolos propostos desde os processos migratórios que originaram essas expressões culturais açoriano-brasileiras até o momento de adaptação virtual das rezas, terços, mobilização da comunidade e o desempenho dos membros efetivos nesse processo, e o legado que inspira a manutenção e a continuidade em formatos distintos.

Como metodologia buscou-se enfatizar na observação participante, acompanhando as ações diversas e seus desdobramentos ao longo do ano, com especial atenção ao preparatório ao Pentecostes que culmina na Festa do Divino Espírito Santo e nas demais atividades de comercialização e divulgação da Casa. Como resultado, almeja-se compreender a ideia de continuidade temporal, mesmo com toda adversidade nesses tempos de incertezas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1. Primeiras atividades da Casa dos Açores como sentido das expressões culturais açorianas e geracionais.

A Casa dos Açores de São Paulo, ao ser planejada na década de 1970 pelos imigrantes oriundos das ilhas, mesmo em tempos em que não era possível a sua construção. Suas principais razões são a sociabilidade e a idéia de organização e concentração de adeptos das festas do Divino Espírito Santo e outras celebrações que os identifiquem (ANGELO & MATOS, 2018).

Entre os açorianos e seus descendentes que vieram para São Paulo em meados do século XX se percebe uma movimentação na direção de se construir um espaço que pudesse abrigar os sentidos de organização do grupo. Os elos entre os açorianos, seus parentes e conterrâneos, possibilitou o estabelecimento de redes, que foram sendo formadas a partir das relações de trabalho e de associativismo, seja por meio de cartas de chamada¹ que viabilizavam a vinda e auxiliavam no estabelecimento inicial na cidade, seja pela concentração de grupos pelo trabalho fabril, que não apenas os concentravam, mas de todo modo também identificava os parceiros, parentes e mesmo amigos imigrantes.

Além desse trabalho fabril, outras atividades foram sendo identificadoras dos portugueses em geral, como padarias, armazéns, floriculturas, feiras livres e açougues, particularmente, localizados na Vila Carrão, zona leste da cidade de São Paulo. Concentrados nessa região, os açorianos foram se reunindo e se organizando geralmente em torno das devoções típicas das ilhas, como a devoção ao Divino Espírito Santo e ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, que geralmente referenciam os açorianos das nove ilhas dos Açores. Essas festividades e celebrações acabaram sendo motivações do intuito associativista, na busca da formação de um território que possibilitasse fortalecer traços culturais e religiosos diluídos pelo processo de deslocamento (NOGUEIRA, 1998).

Sobre a construção da Casa dos Açores, segundo consta do seu histórico, que, em 1979 houve a primeira reunião que almejava fundar uma associação, ainda fazendo parte de um sonho, haja vista as dificuldades de recursos financeiros que pudesse

¹ Cartas de Chamada eram expedidas pelas indústrias a fim de trazerem açorianos e seus descendentes das Ilhas e Continente ao trabalho nas fábricas paulistanas na década de 1950.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

alimentar essa primeira etapa. A missão de salvar a cultura açoriana em prol da identificação, união, motivações e manutenção de vínculos para os membros do grupo buscavam cultivar as tradições açorianas, e a partir daí proporcionar reencontros de amigos, conterrâneos e parentes, bem como manter elos com as origens por meio da religiosidade e das festividades e celebrações.

CAPÍTULO I - Da Denominação, Fundação e Fins:

Artigo 1º-A CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO, fundada aos 22 de junho de 1980, é uma pessoa jurídica de direito privado, com personalidade distinta de seus sócios sem fins lucrativos, com sede e foro nesta cidade, é Rua Dentista Barreto, Nº 1282, Vila Carrão, e tem por finalidade:

I – Promover, anualmente, a Festa do Divino Espírito Santo, que realizar-se-á em sua sede;

II – Promover e divulgar a cultura, as tradições/e os costumes açorianos;

III – Promover o conagraamento de todos os açorianos, familiares e associados;

IV- Promover periodicamente reuniões de caráter social, cultural e recreativo e afins, em harmonia com o disposto nos itens anteriores;

V – Manter uma biblioteca educacional;

VI – Fomentar a prática desportiva, bem como manter o intercâmbio com órgãos e entidades análogos, nacionais e internacionais.
(ESTATUTO DA CASP, 1995, p.02)

As diversas finalidades da Casa vão norteando as atividades e a sua gestão, e, além disso, une esforços do Conselho Mundial das casas dos Açores², cuja finalidade é congregar os diversos açorianos que emigraram dos Açores e manter viva essa união pelas festividades religiosas e pela idéia de identidade cultural.

As casas regionais apresentam-se como locais de representações e manifestações culturais de identidade local, regional e nacional relacionadas aos distritos, províncias e regiões além é claro do próprio espaço nacional português. Tais representações estão apoiadas em referências geográficas a partir das festas, símbolos, imagens, saudosismo da terra natal em que as casas regionais se constituem como lugares para o estabelecimento e encontro de

² O Conselho Mundial das Casas dos Açores foi formado pelos membros constituintes das Casas dos Açores no mundo. Na Declaração de Horta, reunidos seus representantes, formou no período de 12 a 15 de novembro de 1997, sob o patrocínio do Governo Regional dos Açores, por meio do Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades, esse elo com as direções efetivas das instituições, entre elas Elisiário dos Santos Filho, representante da Casa do Açores de São Paulo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

manifestações que revelam lado do processo de construção de identidade associado ao espaço geográfico (SOUSA, 2005, p.02)

As casas regionais, associações e demais entidades de cunho étnico surgiram no momento em que os imigrantes necessitavam de auxílio, seja para procurar trabalho, para manter os padrões culturais ou para apropriar-se do urbano, quando a cidade, em pleno crescimento, passava a ser uma nova realidade para esses imigrantes, acostumados com o meio rural nas ilhas. Essa forma de construção mútua deve ser entendida como uma troca, sendo esta uma manifestação cultural. O mutualismo também se inscreve como manifestação da cultura dos trabalhadores, sendo ela uma arena de conflitos permanentes, de trocas materiais, de relações de dominação, de tradições herdadas e compartilhadas.

A organização dessas associações, nas quais os e/imigrantes e seus descendentes se unem em torno de um conjunto de interesses, objetivos e sentimentos coletivos acabam por reforçar a sensação de pertencimento e de solidariedade. (ROCHA-TRINDADE, 2010)

Além de servirem de encontro, reunião e convivência, também cooperam na manutenção e afirmação identitária dos grupos. Ao congregar, manter/reviver/inventar tradições, assumindo o papel de “lugares de memória” (NORA, 1993). As associações também propiciam oportunidades para a sociabilidade, criando laços mais íntimos e de sentimentos, como a realização de festas e atividades recreativas como “(...) festas de cunho social, atendendo expectativas culturais e recreativas. Assim sendo, a prática associativa se tornou instrumento de reconstituição de identidades, manutenção de laços, estabelecimento de redes e até resistência cultural.” (ANGELO & MATOS, 2019, p.66)

A cidade de São Paulo, em franca expansão, vai redesenhando seus bairros e seus territórios com os novos imigrantes que se instalam em bairros dando a ela uma mistura de raças, etnias e grupos dos mais diversificados.

2. As adaptações em tempos de pandemia nas festas, celebrações e rituais.

Dos rituais das festas e celebrações da Casa dos Açores de São Paulo, as atividades vão sendo redesenhadas na medida em que se ressignificam aos membros da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Casa, renovando os votos ao Divino anualmente e continuando as festividades e celebrações.

A celebração ao Divino começa efetivamente no domingo de Pentecostes. É considerada uma festa tradicional Luso-Açoriana, na qual se desenham atividades como a reza diária dos terços durante as sete semanas, alternando-se as rezas cantadas pelos homens e pelas mulheres da comunidade.

A festa se realiza a partir do dia de Pentecostes, momento de definição de cada sorteado, ou seja, cada um dos membros da Casa que farão o trabalho durante todo o ano até a próxima celebração, responsáveis por cada ação de todos os momentos da festa, incluindo os terços, as casas, as famílias, os que coroarão e serão coroados, os mordomos, as barracas da quermesse, a culinária, incluindo os pratos a serem vendidos durante a festa, as doações a serem feitas, as funções de cada um durante a missa e durante a procissão (ANGELO, 2015, p. 268)

Os símbolos do Divino (Coroa e Bandeira) são ornamentos considerados os mais importantes para os rituais, e, levados para diferentes casas sorteadas a cada ano, sempre no último domingo de festa, conhecido como "as domingas do Divino". As datas e os locais onde se farão as rezas e os demais rituais da festa ficam, assim, previamente determinados. Também nessa ocasião ocorrem as Folias do Divino, que são as cantorias feitas de improviso por repentistas que vão recolhendo doações e cantando em agradecimento à comunidade.

A preparação e organização da festa cabem àqueles que, sorteados na noite do domingo de Pentecostes, ficarão responsáveis por cada uma das sete semanas de festa. Cada um desses irmãos terá consigo a coroa do divino durante essa semana. Sua casa, especialmente preparada para isso, com um altar na sala de visita abrigando a coroa em posição de destaque, receberá os irmãos que desejem fazer alguma prece ao divino (GONÇALVES, 2008).

Esse padrão foi alterado para o modo virtual e ocorre semanalmente pela mídia social *facebook*. A cada semana se reinicia o terço numa casa diferente e é seguido *online* durante sua efetivação. Os adeptos da comunidade seguem no momento em que ocorrem e participam pedindo bênçãos, agradecendo e também apoiando a iniciativa de continuar as atividades pelo modo virtual, haja vista não poderem aglomerar-se.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Figura 1: A chamada para o terço virtual – Casa dos Açores, 2021.



Fonte: CASP, 2021.

O terço inicia-se com as boas vindas, agradecimentos e convocação de um dos dons do Espírito Santo: Sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor. Conduz-se o início dos terços com intenções e pedidos de intercessões por meio da leitura de uma passagem bíblica que condiga ao dom da semana.

O passo a passo do terço cantado vai sendo entoado por homens e mulheres e trocando de gênero ao longo do entoar. Passam-se os mistérios e vai sendo cantado e rezado em tons de vozes distintas.

A reza para o divino espírito santo se faz através do terço rezado ou do terço cantado. São 50 ave-marias e 5 pai-nossos ao todo. Depois de terminada esta parte do terço, homens e mulheres cantam juntos uma frase: “gloria ao pai ao filho e ao espírito santo” e rezam o pai nosso. Logo depois salve rainha [...].(COTINS, 2004)

No início do entoar do terço cantado, algumas passagens católicas vão também sendo cantadas, como “Em nome do pai, em nome do filho, em nome do Espírito Santo, estamos aqui...e repete”, também se canta: “Para louvar e agradecer, bendizer e adorar, estamos aqui senhor ao seu dispor, para louvar...e repete o refrão” e continuam com os mistérios.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ao longo do terço vão sendo trocados entre homens e mulheres o entoar das passagens, onde era primeiro homens passa a ser mulheres no segundo mistério e assim por diante.

A entonação vai ganhando força na medida em que mais gente vai entrando na reza. Mesmo no formato virtual, o ato de seguir vai desenhando um cenário coletivo de esforços, de perseverança e de apego ao sagrado. Os sentidos dados aos símbolos e aos significados que a reza tem extrapola sentimentos de graça, de fé e de gratidão ao Espírito Santo ao longo da jornada. Num ano de muitas perdas de familiares e amigos, os sentimentos se afloram e cada vez mais se busca na religião os sentidos da continuidade e da manutenção da fé.

Figura 2: O Terço do Divino Espírito Santo, cantado à moda da Ilha Terceira dos Açores.



Fonte: Galeria do Divino, 2010.

Nas “Domingas” é que são escolhidas as pessoas, ou seja, quem vai tá levando a sua Coroa, a sua Bandeira e quem vai fazer parte do núcleo dela. O que a gente chama de núcleo? No núcleo de uma “Domingas” a gente tem uma pessoa que leva a Bíblia, que tem o “Donzinho” daquela “Dominga”, a gente tem um guiãozinho que tem

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o Fruto do Espírito Santo daquela “Dominga”, específico daquele Dom; tem quem leva a Coroa, quem vai ser coroado e quem leva a Bandeira. Aí, também já na do “Mordomo”, também é o “Mordomo” que escolhe tá; a parte da Nossa Senhora, também é ele que escolhe a criança que vai ser coroada... Agora, levar os Andores, a gente tem assim, mais ou menos as pessoas que coordenam (JACOB, 2009).

Durante a pandemia, que se iniciou em março de 2020 as festividades tiveram a adaptação para o virtual, mas todos os rituais foram repensados e reelaboradas a partir das mídias sociais eletrônicas.

Os sorteios, asomingas, as rezas de terços cantados, todos foram adaptados e estão sendo transmitidos *online* no momento em que ocorrem. Todos os dias durante as semanas que antecedem o Pentecostes, os terços são cantados e seguem sendo gravados pelo facebook onde pode ser assistidos posteriormente, ficando na página da Casa. Além das atividades sagradas, que inclui os terços, a procissão e a missa de coroação, as festas do Divino têm uma dinâmica de atividades comerciais, que são as vendas de pratos típicos açorianos e os *bodos*³, entrega de doações e demais atividades pertencentes à sua formação ao longo das gerações.

Na Vila Carrão os *bodos* são a entrega de donativos em casas de repouso de assistencialismo ou qualquer formato que necessite de doações de alimentos, objetos e instrumentos dos mais variados.

Após as ações de confinamento social essas atividades foram sendo adaptadas e reorganizadas no modelo virtual e seguro, com entregas pelo *drive thru* de pratos em dias alternados. São feitas encomendas e a entrega segue o padrão de segurança.

Dos pratos mais comercializados durante a pandemia estão as alheiras, a massa sovada, as malassadas, folares, bolinho de bacalhau e os doces portugueses típicos tanto das ilhas quanto do continente.

Os pratos de festas presenciais eram mais diversificados, incluindo espetos, esfirras, coxinhas e uma série de adaptações aos gostos dos brasileiros.

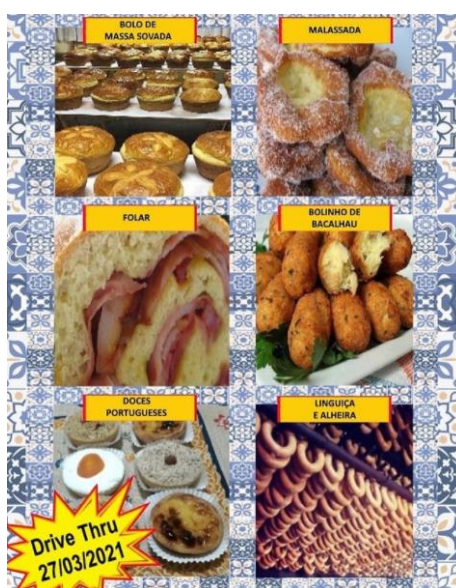
³ Nos Açores, a denominação dessa linguagem utilizada nos Açores diz respeito aos lugares da festa. Por cadafalsos entende-se uma forma de estrado ou tablado erguido em lugar público; por triatos e impérios com folias, tem-se a idéia de construções e edifícios de pedra ou de cimento, podendo verse o seu interior através de portas envidraçadas que quase ocupam a largura e a altura do edifício. Os foliões são os homens que vão de porta em porta cantando e pedindo ajuda aos pobres; as reises e janeiras são de cunho "pagão", já os "reis", "reises" ou "reisadas" são a forma "cristianizada" das "janeiras".

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Além dos pratos também se tinha nas festividades entretenimento com música, dança, atividades infantis, como pescaria, argolas, bolinhas, entre outras diversificações para o público, típicos de quermesses no país.

Com a ausência dessas atividades presencialmente, o fazer dos quitutes e pratos passa a ser uma atividade coletiva das mulheres da Casa dos Açores, que desenvolvem atividades de todo tipo na manutenção do território cultural “vivo”.

Figura 3: Comercialização de pratos típicos açorianos na CASP, 2021.



Fonte: CASP, 2021.

A quermesse teve início por volta de 1979, mas uma coisa bem simples, um palco com som para apresentação de grupos folclóricos, havia venda de poucos produtos como a Massa Sovada e a Malassada. Atualmente a nossa quermesse envolve mais de 150 pessoas trabalhando nas barracas, fora toda a preparação que tem dos produtos como a alheira e a linguiça que fazemos entre fevereiro e março. A nossa festa faz parte do calendário oficial da Prefeitura de São Paulo e tem todo o suporte da mesma. Temos a barraca da malassada, bolinho de bacalhau, churrasco, hot-dog, batata frita, peixinho (pescaria com brindes), fogazza, minipizza, vinho quente, quantão, linguiça, alheira e das bebidas. Visitam nossa quermesse cerca de 15.000 pessoas. Temos toda uma estrutura para a realização da quermesse. Há apoio da Polícia Militar da Guarda Metropolitana, do CET no fechamento da rua. (JACOB, 2009)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nos Açores não existe a *quermesse* durante as festas do Divino, mesmo porque nas celebrações, tanto as religiosas como as profanas, a configuração de cada festejo é elaborada em cada freguesia, cabendo notar que só na Ilha Terceira há 69 Impérios, em que se promovem seus respectivos formatos de festas. Cada um tem uma forma de organização, de condução das doações e também das ações dos fiéis e devotos.

No Brasil, nas mais variadas localidades, a essência da comemoração perdeu o sentido primário, que era dividir o *bodo* com os pobres. A Casa dos Açores tem como princípio a filantropia, ajudando entidades e pessoas com alimentos, objetos e materiais, mas a finalidade dos festejos já não se coaduna com aquela verificada nas ilhas de onde vieram os açorianos que efetivaram a reconstrução no bairro.

No entanto, a *quermesse* com venda de produtos diversificados foi uma criação da ressignificação das festas no país. O formato de angariar fundos a Igreja, ou a qualquer outro sentido que tenha esse formato trouxe uma tradição católica que se configura como religiosa e profana.

No que se refere ao gênero, às mulheres cabe exaltar os tempos de festa, mas a divisão de tarefas também ocorre nesses significados de encontros do feminino. Os tempos da festa são divididos entre as mulheres que preparam cada tipo de alimento. A Casa foi aos poucos se tornando uma referência do trabalho de construção de festas, seguindo um calendário anual, que inclui não apenas o Divino Espírito Santo, mas também dias festivos como Natal, Ano Novo, dia das mães, dia da pizza, dia de bingos, transformando o bairro num espaço de sociabilidade, especialmente para unir os açorianos e seus descendentes.

Os sabores e os temperos, os alfenins, criaram apelos que escreveram nos lugares as marcas açorianas. A modernidade deu lugar ao novo, à ruptura do passado tradicional, mas a globalização acabou reforçando esses laços singulares que reescrevem o Brasil de norte a sul e, as marcas em São Paulo, ressignificadas e repletas de memórias também identificaram no lugar as características de grupos, como é o caso dos açorianos da Vila Carrão.

Um dos símbolos mais significativos para os açorianos é a coroação do Divino, que ocorre na Igreja Santa Marina durante as festas do Divino.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Após a coroação das sete crianças que simbolizam os dons do Espírito Santo, a coroação de Nossa Senhora fecha o ciclo do ano para o recomeço do próximo. É o símbolo maior de devoção e de continuidade das ações e por isso se exalta em todas as manifestações de fé, na própria Casa dos Açores, na procissão e finalmente no ato final da coroação.

Figura 4: Imagem de Nossa Senhora de Fátima nas rezas virtuais



Fonte: CASP, 2021.

No final da celebração, uma criança coroa a imagem de Nossa Senhora de Fátima, ritual também recriado na Vila Carrão que difere daquele observado nas ilhas dos Açores. No momento desse ato há uma comoção dos participantes e devotos, que, além de agradecerem pelas bênçãos conquistadas no ano, fazem seus pedidos para o ano seguinte, que se inicia nesse ato, renovando os votos de louvor ao Divino e também a saga das celebrações em razão do Pentecostes. Com esse firmar de intenções que vem desse ato simbólico se fecha um ciclo e se inicia um novo, cheio de esperança ao ano vindouro.

Algumas Considerações

A investigação sobre a organização das festas e celebrações sociorreligiosas dos imigrantes açorianos em São Paulo, trouxe de forma simplificada os sentidos da criação da Casa dos Açores e de sua missão, por meio das atividades e das adaptações necessárias em tempos de pandemia, de isolamento social e de regras sanitárias.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A Casa foi palco dessa reflexão, especialmente sobre a recriação de atividades no formato virtual e das adaptações de sociabilidade e entretenimento, que foram desde março de 2020 ganhando tonalidades diferentes. Seja na manutenção das tradições açorianas, seja nos rituais que promovem o elo com o passado e as identidades das gerações.

A composição da festa, seus momentos, a simbologia e os rituais envolvidos na manutenção e ressignificação ao longo das gerações em São Paulo, na Vila Carrão, acabou fortalecendo a união entre os membros e criando cada vez mais laços simbólicos de amizade e cooperação, pois, esse elo acaba sendo firmado com as festas e o próprio ritual anualmente, especialmente a partir da união de esforços com novas atividades que foram ressignificadas em formatos distintos pelas redes sociais.

Nas atividades proporcionadas na Casa salientam-se diversidades, os formatos e significados das expressões culturais açoriano-brasileiras até o momento de adaptação virtual das rezas, terços, mobilização da comunidade e o desempenho dos membros efetivos nesse processo, e o legado que inspira a manutenção e a continuidade em formatos distintos. Por meio da observação participante, acompanharam-se as ações diversas e seus desdobramentos ao longo do ano, com especial atenção ao preparatório ao Pentecostes que culmina na Festa do Divino Espírito Santo e nas demais atividades de comercialização e divulgação da Casa.

Os resultados salientaram a ideia de continuidade temporal, mesmo com toda adversidade nesses tempos de incertezas e com a união de esforços coletivos se fortaleceu a dinâmica da continuidade, incluindo novas atividades a partir do ato de recriar significados e suas formas participativas.

Referências Bibliográficas

ANGELO, Elis Regina Barbosa. *Trajetórias dos Imigrantes Açorianos em São Paulo: Processos de Transformação e as Ressignificações Culturais*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. MATOS, Maria Izilda de. Casa dos Açores de São Paulo: imigração, associativismo e religiosidade. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, vol 31, nº 65, p. 433-456, setembro-dezembro 2018.

ANGELO, E. R. B.; MATOS, M.I.S.de. Gênero, memórias e tradições: mulheres imigrantes açorianas em São Paulo. *História e Cultura*, v. 8, p. 67-87.2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CASA dos Açores de São Paulo. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com>>. Acesso em: 10/01/2021, 25/04/2021.

COTINS, Márcia. Catolicismo Popular, Pentecostalismo e Técnicas Corporais: uma visão comparativa dos usos da prece em dois contextos religiosos. *Anais do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/MarciaContins.pdf>>.

ESTATUTO da Casa dos Açores de São Paulo, *CASP*, 1995, p. 02. Disponível em: <<http://casadosacores.org/wp-content/uploads/2015/09/estatutos-CASP-antigos.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

GALERIA do Divino. *O Terço do Divino Espírito Santo*, cantado à moda da Ilha Terceira dos Açores. 29/set.2010. Disponível em: <<http://museudodivinodeoeiras.blogspot.com/2010/09/o-terco-do-divino-espirito-santo.html>>. Acesso em 16/05/2021.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; COTINS, Márcia. *Entre o Divino e os Homens: A arte nas festas do Divino Espírito Santo*. Horizontes Antropológicos. Vol.14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100004>.

NOGUEIRA, Ana Maria de Mora. *Como Nossos Pais - uma História da Memória da Imigração Portuguesa em Niterói, 1900/1950*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, v. 1, no. 10. 1993.

ROCHA-TRINDADE. M. Beatriz. Associativismo em contexto migratório. *Revista Migrações*. Lisboa, no. 6, p.39-58, abril. 2010.

SOUSA, Roberto Ribeiro de. Representações geográficas de identidades: o caso das casas regionais de origem portuguesa no Rio de Janeiro - RJ. *Anais do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005.

Entrevista

JACOB, Leonilda dos Reis. *Depoimento em entrevista concedida em 27 de junho de 2009*. Casa dos Açores de São Paulo, 2009.